

Palavras são mais conservadoras que seus significados. O significado da palavra "família" mudou várias vezes no curso do século passado, mas é difícil notar tais mudanças, porque ocorreram debaixo da capa de um nome constante. A má sincronização entre palavra e significado, (entre língua e universo), o fato de se desenvolverem em dois processos diferentes, põe dificuldades sérias para o conhecimento. De um lado conhecer é nomear, (a coisa é conhecida pelo seu nome); do outro conhecer é retirar o nome, (a coisa é conhecida quando descoberta debaixo do nome). [A família é bom exemplo disto. [A dificuldade pode ser assim formulada: A palavra "família" projeta um parâmetro de significados, que cobre um trecho no desenvolvimento de uma ^{determinante} dada organização social, ^(de comunicação) não outros trechos. Por exemplo: o trecho do desenvolvimento a partir de uma organização paleolítica matriarcal até uma organização atual, governada pelos meios ^(de comunicação) de massa, mas não o trecho ^{facilitado no Enten,} a partir da horda ^{Neolítica} até o matriarcado, nem o trecho ^{que talvez comice (mensur)} a partir da família massificada até o gangue das grandes cidades. De maneira que a palavra "família" significa um trecho de um processo, e não uma dada estrutura.

[Assim concebido o problema, surge a pergunta seguinte: Que lugar dentro do parâmetro de significados é ocupado num dado instante? Em outros termos: o que pretende o Código Napoleão ao ^{usar de} usar "família", / que pretende o sr. Pétain, ^(famille - travail - patrie - FTP) (e o FTP), e que pretendemos nós ao dizer tal palavra? A resposta é, obviamente, que ^{prezamos no} todos pretendemos o mesmo processo, mas ^{que} cada um de nós ^{vê} pretende ^(de Pétain) estrutura diferente dentro do processo. Em diálogo com o Código ^(de Pétain) e com o FTP utilizaremos a mesma palavra com significados divergentes. Fonte de mistificação permanente. Isto é tanto pior ^{que} ~~que~~ considerarmos que nós próprios abrigamos em nossas mentes significados divergentes da mesma palavra, e que portanto somos vítimas de mistificação no seio de nosso próprio pensamento. Um dos papéis mais importantes do intelectual é, desmistificar seu próprio pensamento. A sua tarefa ^{consiste portanto em} é pois, ^{entre} outras, clarificar significados.

[Definamos "família" como significando um trecho no desenvolvimento daquela organização social que visa transmitir informação básica entre as gerações por estruturas variáveis. Quando usada pelo Código ^{de} Napoleão, a palavra significa determinada estrutura desse tipo de transmissão, que pode ser chamada "burguesa". Quando usada pelo FTP, a palavra significa outra estrutura, que pode ser chamada "decadentemente burguesa". Quando usada por nós conscientemente, a palavra significa mais outra estrutura, que pode ser chamada "massificada". (É claro que a palavra "família" pode significar toda uma série de estruturas adicionais, a romana, a paleocristã, a feudal, a camponesa, e assim em diante.) Embora todas essas estruturas sirvam ao mesmo propósito, devem ser distinguidas, para evitarmos erros mistificadores.

[A estrutura burguesa da família (pode assim ser descrita), tendo em vista a sua função transmissora, o centro é ocupado por memória transmissora, (que pode ser chamada "avó" para simplificar o problema). O horizonte é formado por

VILÉM FLUSSER

receptores dispostos em círculo, (os "netos"). Há retro-alimentação entre emissor e receptores. (Os netos podem formular perguntas e motivar a avó a continuar "contando"). Há diálogo entre os receptores. (Os netos podem brincar dentro dos modelos propostos pelo emissor das mensagens.) / A informação vem na forma de mitos, (histórias de fadas e outras formas articuladas por gerações precedentes.) [Várias emisoras adicionais são acopladas à "avó", e têm funções variadas. A emissora "mãe", por exemplo, traduz do código "avó" para o código de modelos de funcionamento. (Num sentido funcional, portanto, é a "mãe" que ocupa o centro da cena.) A emissora "pai", como segundo exemplo, introduz elementos originais e altamente informativos nas mensagens. Trata-se de emissora autoritária (no sentido de ser autora de informações, e não apenas transmissora), e no sentido de transcender parcialmente a cena]. Há pois hierarquia complexa de emisoras, na qual a "pai" ocupa lugar de destaque. A emissora "pai" é, por sua vez, imersa em contexto mais amplo, o da sociedade burguesa. Do ponto de vista "pai", a família funciona como receptor das mensagens "paternas", (com feed-back), e do ponto de vista da sociedade burguesa a família funciona como receptora e transmissora dos modelos desta sociedade. É claro que tal tipo de estrutura exige ambiente arquitetônico determinado: a casa burguesa.

[A estrutura decadentemente burguesa da família pode (assim/ser) descrita: O centro é ocupado por memória transmissora que pode ser chamada "empregada". Tal memória emite informações aproximadamente pelo mesmo método e a mesma dinâmica dos ^{transmissões} empregados pela emissora "avó", no exemplo precedente. Mas as mensagens são outras. Não são míticas, mas vulgarizadoras e kitschizadoras. Tais emissões são periodicamente interrompidas por outra emissora, (a "mãe"), que fornece modelos em parcial desacordo com os modelos "empregada". Não há pois verdadeiro centro da situação, já que há duas emisoras que concorrem. O resultado é programação conflitiva dos receptores, ("crianças"), e desmitologização da programação, com conseqüente ^{edade} dubiosidade das informações recebidas. Isto é sintoma importante da decadência da burguesia. O papel da memória emissora "pai" continua sendo semelhante ao do desempenhado no exemplo precedente. O ambiente arquitetônico para tal estrutura é leve ^{mente} modificação ^{da com relação} da casa burguesa; ~~com~~ o quarto da empregada substitui ~~o~~ a alcova ~~no segundo andar~~ da casa citocentista.

[Estas duas estruturas serviam de modelos, durante o século passado, para classes sociais ^{embora} (como a proletária e a rural), ^{elas} para as ^{quais} não se adaptavam. A fim de impor tais modelos, as estruturas foram vestidas em trajes ideológicos, "sacralizadas". Assim foram aceites como as únicas possíveis, ou como "corretas". Simultaneamente, ^{as} todas as estruturas familiares ^{anteriores} precedentes foram suprimidas, e ^{as} todas as estruturas concorrentes cobertas do opróbio da "imoralidade". O ^{surto} surgimento de modelos-alternativas foi destarte evitado.

[A revolução dos meios ^{Mundial} de comunicação depois da Segunda Guerra, (revolução radical, embora não tenha subvertido as "infra-estruturas"), explodiu amb

VILÉM FLUSSER

modelos. A nova estrutura que surgiu pode assim ser descrita: sua base é a TV que funciona como cordão umbilical entre família e ^{é ele que} membra emissora no além do horizonte dos receptores. (Transmite ~~esta~~ ^{informação} para receptores dispostos em semicírculo em torno da tela. (Não há mais círculo familiar, mas semicírculo familiar, e a ^{forma} Gestalt da família não é mais anfiteatro, ^{que envolve} mas teatro.) Não há retro-alimentação entre transmissor e receptores. O diálogo entre os receptores é restrito a um mínimo, porque interrompe, ^{interromper} transmissões ^{praticamente} constantes. As informações vêm em formas cientificamente elaboradas para mascarar uma única mensagem: a de um modelo de comportamento de consumo de bens materiais e ideais de interesse dos emissores invisíveis. A TV ocupa pois o lugar de autoridade no semicírculo familiar, no sentido de não admitir resposta, e no sentido de ser única fonte significativa. Mas tal autoridade é diferente da exercida pela emissora "pai" nas estruturas precedentes. Não ~~é~~ resultado da originalidade, mas do estereotipado. Em consequência, não há hierarquia na família: pai, mãe e filhos são equivalentes, no sentido de disporem do mesmo tipo de informação, no sentido de serem igualmente competentes para transformar as informações em comportamento ^{em} e proveito dos emissores invisíveis, e no sentido de serem receptores irresponsáveis. Se chamarmos as estruturas precedentes "patriarcais", (por concederem ao "pai" lugar supremo), poderemos chamar a nova estrutura "fratriarcal", (por destruir hierarquias). A TV não é nem Grande Pai, (no sentido burgues), nem Grande Mãe, (no sentido paleolítico), mas Grande Irmão, ^{mas multiplicados} (no sentido dos meios de massa). É claro que tal tipo de estrutura exige ambiente arquitetônico apropriado, mas igualmente claro é que os arquitetos ainda não o projetaram.

A razão disto é dupla. Uma, ~~é que~~ a nova estrutura ainda não eliminou os vestígios das superadas, e ~~não está~~ ^(portanto) funcionando perfeitamente. A segunda ~~é que~~ a nova estrutura é mascarada pela ideologia dominante e ~~não é~~ ^(portanto) claramente visível ^{para os} ~~para os~~ arquitetos. ^{Uma vez eliminadas as características arcaicas da família,} ^(No entanto) cairão as máscaras e os arquitetos projetarão casas mais semelhantes a cinemas (com dormitórios anexos), que a casas burguesas. Tendências em tal direção podem desde já ser detectadas nos países desenvolvidos.

Há uma dialética disto. A nova estrutura não funciona bem por falta de ambiente arquitetônico, e o ambiente arquitetônico falta por mau funcionamento da nova estrutura. Nisto reside esperança para os que não consideram a nova estrutura como sendo ~~muito~~ melhor que as antigas. Esperança frágil. Porque os meios de comunicação são determinantes e acabarão impondo suas estruturas sobre a sociedade. A menos que surja nova revolução, mais radical que a primeira.